

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ENVOLVIMENTO PATERNO E MEMÓRIAS DE INFÂNCIA  
EM PAIS DE CRIANÇAS COM IDADES  
ENTRE OS 5 E OS 10 ANOS**

**Andreia Oliveira de Almeida**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia**

**Clínica Dinâmica)**

**2013**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ENVOLVIMENTO PATERNO E MEMÓRIAS DE INFÂNCIA  
EM PAIS DE CRIANÇAS COM IDADES  
ENTRE OS 5 E OS 10 ANOS**

**Andreia Oliveira de Almeida**

**Dissertação Orientada pela Prof. Doutora Salomé Vieira Santos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia**

**Clínica Dinâmica)**

**2013**

## **Agradecimentos**

À professora Salomé Vieira Santos, pelo empenho, disponibilidade e honestidade que dedicou a este trabalho, estando presente e orientando-me. Foi inspirador tê-la como orientadora.

A todas as pessoas que me têm acompanhado ao longo da vida e têm acreditado em mim. A todos os grandes amigos que me têm apoiado e que têm estado presentes, agradeço por terem sido tão persistentes comigo, dando-me a mão e ajudando-me a caminhar.

À minha irmã por me ter motivado e à minha querida sobrinha por me deixar tão feliz, ao acompanhar as suas simples conquistas e os seus pequenos passos ao longo destes meses.

Aos pais que colaboraram e contribuíram para este trabalho, dedicando o seu tempo.

Aos meus avós, que já não estão presentes, e de quem guardo boas memórias do afecto e da forma como cuidaram de mim. Eles foram a minha maior inspiração para acreditar que era capaz de realizar este trabalho.

*...é que somos o que a relação com os outros de nós fez, produto da substância própria  
com a qualidade das relações que vivemos.*

(Coimbra de Matos, 2006, p. 15)

## **Resumo**

Este trabalho foca o envolvimento paterno e as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais num grupo de pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos. Tem como objectivos: (1) analisar o envolvimento paterno e as memórias de infância com base em variáveis sociodemográficas da criança e do pai; (2) examinar a relação entre o envolvimento paterno e as memórias de infância; (3) explorar a relação das dimensões do estudo com variáveis relacionais. Recorreu-se a dois instrumentos – a Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010) e a adaptação portuguesa do EMBU- Memórias de Infância (Canavarro, 1996). Foi ainda integrada informação (sociodemográfica e relacional) decorrente de uma entrevista de recolha de dados. Participaram no estudo 96 homens, pais de crianças com idades entre os 5 os 10 anos. Os resultados mostraram que os pais dos rapazes estão mais envolvidos na disciplina e os pais com crianças mais velhas (8-10 anos) percebem maior rejeição por parte do pai, comparativamente com os pais das crianças mais novas (5-7 anos). Acresce que os pais mais novos ( $\leq 40$  anos) estão mais disponíveis para a criança e mais envolvidos na disciplina. Adicionalmente, verificou-se que a Disciplina se relaciona positivamente com a Rejeição e Sobreprotecção por parte da mãe e do pai (memórias de infância), relacionando-se ainda a Presença com o Suporte Emocional da mãe. Face às variáveis relacionais, destacou-se que domínios das memórias de infância (Suporte Emocional e Rejeição) se associam com a percepção das relações com a mãe, o pai e a companheira. Ocorreram igualmente algumas associações significativas de domínios do envolvimento paterno com estas mesmas relações, para além de que o maior envolvimento nos cuidados se associou com a percepção do grau de proximidade na relação com a criança.

Palavras-chave: Envolvimento Paterno; Memórias de Infância; Paternidade; Idade Escolar

## **Abstract**

This study focuses on father involvement and childhood memories of parental rearing practices of a group of fathers with children aged between 5 to 10 years. This study aims to: (1) analyse father involvement and childhood memories based on socio-demographic variables of both the father and the child. (2) study the relationship between father involvement and childhood memories. (3) explore the relationship between the study dimensions and the relational variables. Two instruments were used: the Father Involvement Scale (Simões, Leal, & Maroco, 2010) and the Portuguese adaptation of the EMBU- Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behavior (Canavarro, 1996). Further information (socio-demographic and relational) stemming from a data collection interview was also included. 96 fathers of children aged between 5 to 10 years participated in the study. Results showed that fathers of boys are more involved in discipline and fathers of older children (8-10 years) perceive more rejection from their own fathers, in comparison to fathers of younger children (5-7 years). Moreover, younger fathers (< 40) are more available for their children and more involved in discipline. Furthermore, Discipline was found to be positively related to Rejection and Overprotection on the part of both parents (childhood memories) while Presence and Emotional Support of the mother were also found to be related. In terms of relational variables, childhood memory domains (Emotional Support and Rejection) were found to be associated with the father's perception of his relationship with his own parents and partner. There were also some significant associations between father involvement domains and these same relationships. Finally, greater involvement in child care was associated with a perception of closeness in the relationship with the child.

Key-words: Father Involvement; Childhood Memories; Fatherhood; School Age

## **Índice**

Introdução.....	1
<b>1. Enquadramento teórico .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1 Paternidade .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1.1 Definição .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1.2 Alterações no Conceito de Pai e Diferenças de Género .....</b>	<b>4</b>
<b>1.2 Envolvimento Paterno.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2.1 Definição e Conceptualização .....</b>	<b>8</b>
<b>1.2.2 Envolvimento Paterno e Satisfação Conjugal.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Memórias de Infância Relativas a Práticas Educativas Parentais .....</b>	<b>12</b>
<b>1.3.1 Definição e Conceptualização .....</b>	<b>12</b>
<b>1.3.2 Memórias de Infância Relativas a Práticas Educativas Parentais e Dimensões do Funcionamento Psicológico e Relacional .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 Envolvimento Paterno e Memórias de Infância Relativas a Práticas Educativas Parentais.....</b>	<b>14</b>
<b>2. Objectivos e Hipóteses .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Objectivos .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Hipóteses .....</b>	<b>18</b>
<b>3. Método .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Participantes .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1.1 Caracterização Sociodemográfica dos Pais e do Filho-Alvo .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1.2 Caracterização das Variáveis Relacionais .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 Instrumentos .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2.1 EEP – Escala de Envolvimento Paterno.....</b>	<b>22</b>

<b>3.2.2</b> EMBU – Memórias de Infância.....	22
<b>3.2.3</b> Entrevista de Recolha de Dados .....	23
<b>3.3</b> Procedimento.....	24
<b>3.4</b> Procedimento Estatístico.....	24
<b>4.</b> Resultados.....	24
<b>4.1</b> Análise do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância em Função de Variáveis Sociodemográficas do Filho-Alvo (Sexo e Idade) .....	25
<b>4.2</b> Análise do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância em Função de Variáveis Sociodemográficas do Pai (Idade e Escolaridade) .....	27
<b>4.3</b> Correlação do Envolvimento Paterno com as Memórias de Infância.....	29
<b>4.4</b> Correlação do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância com Variáveis Relacionais .....	30
<b>5.</b> Discussão.....	32
<b>5.1</b> Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função de Variáveis Sociodemográficas (da Criança e do Pai) .....	32
<b>5.2</b> Relação entre o Envolvimento Paterno e as Memórias de Infância .....	34
<b>5.3</b> Relação do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância com Variáveis Relacionais .....	35
<b>6.</b> Conclusão .....	38
<b>7.</b> Referências .....	41

## **Índice de Quadros**

### **Quadro 1 - Nível de Instrução dos Participantes –**

Frequências (f) e Percentagens (%) ..... 19

### **Quadro 2 - Grupo Profissional dos Participantes -**

Frequências (f) e Percentagens (%) ..... 20

### **Quadro 3 - Estado Civil dos Participantes –**

Frequências (f) e Percentagens (%) ..... 20

### **Quadro 4 - Coabitação com o Filho-Alvo –**

Frequências (f) e Percentagens (%) ..... 20

### **Quadro 5 - Classificação da Relação com a Mãe - Frequências (f) e**

Percentagens (%) ..... 21

### **Quadro 6 - Classificação da Relação com o Pai - Frequências (f) e**

Percentagens (%) ..... 22

### **Quadro 7 - Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função do Sexo do**

Filho-Alvo – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p ..... 25

### **Quadro 8 - Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função da Idade do**

Filho-Alvo – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p ..... 27

### **Quadro 9 - Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função da Idade do Pai**

– Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p ..... 28

### **Quadro 10 - Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função do Nível de**

Instrução do Pai – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p ..... 29

### **Quadro 11 - Correlação do Envolvimento Paterno com as Memórias de Infância ..... 30**

### **Quadro 12 - Correlação do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância com**

Variáveis Relacionais ..... 31



## Introdução

Este estudo pretende analisar o envolvimento paterno e as memórias de infância num grupo de pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos. A escolha do tema visa ampliar o conhecimento sobre o envolvimento paterno, uma vez que a investigação tem incidido sobretudo na relação mãe-criança. Nas últimas décadas têm sido visíveis alterações em termos da paternidade e da sua valorização pela sociedade, tornando-se a participação dos pais na vida dos filhos também alvo de interesse crescente no âmbito da investigação empírica (Simões, Leal, & Marco, 2010). Esta pesquisa pretende, assim, alargar o conhecimento sobre o envolvimento paterno e dar um contributo para o estudo das memórias de infância relativas às práticas educativas, bem como da relação entre estas duas dimensões, a carecer de estudo no contexto português.

O envolvimento paterno é um conceito multidimensional (ver Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987) que, na perspectiva clássica de Lamb e colaboradores, inclui três componentes: compromisso paterno (*paternal engagement*), disponibilidade (*availability*) e responsabilidade (*responsibility*). A outra dimensão avaliada neste estudo remete para as práticas educativas, não as dos pais em relação aos seus próprios filhos, mas as memórias que os pais têm das práticas educativas dos seus progenitores. As memórias de infância relativas às práticas educativas parentais são aqui conceptualizadas de acordo com três dimensões: suporte emocional, rejeição e sobreprotecção (Canavarro, 1996; ver Rollins & Thomas, 1979). A forma como os pais educam os filhos tem influência em diferentes áreas, repercutindo-se no modo como estes irão exercer, mais tarde, a sua parentalidade (Canavarro, 1999).

Na literatura tem-se encontrado uma relação entre o envolvimento paterno e as memórias que os pais possuem das práticas educativas durante a infância e adolescência (e.g., Cowan, Cohn, Cowan, & Pearson, 1996; Shannon, Tamis-LeMonda, & Margolin 2005; van IJzendoorn, 1992). Contudo, esta relação carece de aprofundamento.

Neste estudo pretende-se também explorar a relação do envolvimento paterno e das memórias de infância com a percepção do pai sobre as relações com os seus próprios pais, com a companheira (satisfação) e com a criança (proximidade na relação). Tem sido demonstrado que a relação com os pais na infância tem influência em relações posteriores (Canavarro, 1999; Shannon et al., 2005), para além de que a qualidade da relação entre os pais e a criança tem consequências para o seu desenvolvimento sócio-

emocional (Kerns, Aspelmeier, Gentzler, & Grabill, 2001). Pais que sentiram proximidade e aceitação por parte dos seus progenitores na infância apresentam comportamentos mais responsivos para com os filhos (Shannon et al., 2005), verificando-se também que existe uma associação entre a relação com a companheira e os comportamentos dos seus pais na infância. Acresce que, na literatura, sobressai que uma maior harmonia entre o casal e uma partilha equilibrada nas responsabilidades que envolvem os cuidados com os filhos se traduz numa relação de maior disponibilidade e envolvimento do pai para com os filhos (e.g., Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Gable, Crnic, & Belsky, 1994; Shannon, Tamis-LeMonda & Cabrera, 2006).

O trabalho está organizado em diferentes pontos. O primeiro ponto integra o enquadramento teórico, onde se inclui uma revisão de literatura sobre as dimensões alvo de estudo (envolvimento paterno e memórias de infância), abordando-se ainda o conceito de paternidade e as suas alterações ao longo do tempo. O segundo ponto inclui os objectivos e as hipóteses do estudo. O terceiro ponto remete para o método, onde consta informação sobre os participantes, instrumentos e procedimentos. O quarto ponto contempla os resultados obtidos e o quinto a sua discussão. O último ponto congrega a conclusão do estudo, e inclui ainda as limitações do mesmo e sugestões para investigações a realizar no futuro, dentro desta área.

## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1 Paternidade**

#### **1. 1. 1 Definição**

Ao longo do tempo o conceito de paternidade tem sido operacionalizado e definido de formas diferentes, tratando-se de um conceito multifacetado e complexo (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb, 2000). De facto, consoante a época e as mudanças sociais e históricas o papel do pai tem tido diferentes focos de atenção, sendo considerado guia-moral, sustento económico da família, modelo de identificação sexual, fonte de suporte conjugal e, finalmente, cuidador (Lamb, 2000). O papel do pai na família e o seu envolvimento com a criança tem sido alvo de estudo nas últimas décadas (e.g., Arendell, 1996; Cabrera et al., 2000; Lamb, 2000).

Pleck (2010) descreveu a paternidade como estatuto parental, traduzindo a capacidade do homem ter filhos, isto é, ser pai biológico. Contudo, a paternidade também foi descrita por Pleck como um conceito mais amplo, integrando o conceito de “pai social”, o qual remete para a função social de pai, mesmo que não seja pai biológico, assumindo ele a responsabilidade pelos filhos. Acresce que Pleck (2012) desenvolveu o constructo de “identidade paterna”, o qual está relacionado com as percepções que o pai tem de si próprio enquanto pai. Este conceito relaciona-se com a motivação do pai para desempenhar o papel parental.

De acordo com Palkovitz (1996), a paternidade é acompanhada de oportunidades e exigências, e é influenciada por um conjunto de condições circundantes que afectam o desenvolvimento dos adultos envolvidos. Com efeito, o papel parental sobrepõe-se e interliga-se aos papéis de outras trajectórias e contextos ao longo da vida. De acordo com Palkovitz (1996), a parentalidade, representa, pois, um conjunto complexo de transições em curso que se estendem ao longo do tempo, reflectindo padrões variados de investimento em momentos diferentes e concomitantes com outras transições e investimentos em curso.

### **1. 1. 2 Alterações no Conceito de Pai e Diferenças de Género**

Nos últimos anos o homem tem estado mais presente e envolvido enquanto pai, sendo mais responsável pelo cuidado dos filhos, o que traduz um novo conceito de pai (Marks & Palkovitz, 2004). A maior presença do pai no cuidado e educação dos filhos decorre de alterações na dinâmica da família, que têm na base, entre outros factores, a entrada da mulher para o mercado de trabalho, a qual teve, de facto, consequências directas e indirectas na vida conjugal e familiar (Cabrera et al., 2000; Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Costa, 2010; Torres, 2004). Apesar de se poder considerar que muitas mulheres sempre trabalharam, a verdade é que, durante largas décadas, o trabalho que elas realizavam era limitado e estava ligado com “negócios de família” (Cabrera et al., 2000). Para algumas mulheres, partilharem com os homens a tarefa de cuidar dos filhos gera resistência não só pela perda de poder que tal acarreta, mas também porque a não partilha é reforçada em famílias mais tradicionais, em que a divisão de tarefas está relacionada com as diferenças de género (Bonney et al., 1999).

Como forma de fazer uma revisão da alteração do papel de pai ao longo do tempo, Lamb (2000), com base nos estudos de Pleck (1984), relaciona o papel do pai com alterações históricas na sociedade Americana nos dois últimos séculos. Estas alterações influenciaram o conceito de pai, face ao seu papel na família e nas relações com os filhos. Numa primeira fase, o pai era visto como guia moral, e era esperado que transmitisse valores, ensinamentos e estudos religiosos da Bíblia, tendo a responsabilidade pela educação dos filhos. Esta fase durou desde os tempos Puritanos até ao início dos tempos Republicanos. Durante o período da Industrialização, o papel do pai, que outrora era de guia moral, deu lugar a um papel de suporte económico; embora o primeiro papel não se tivesse desvanecido, o sustento económico ganhou maior importância. Esta conceptualização do pai durou desde meados do século XIX até à Grande Depressão. Com as alterações ocorridas nesta época, houve um novo foco, na importância do pai como modelo de identificação sexual, surgindo muitos estudos que visavam compreender a relação entre a ausência de pai e o desenvolvimento da identidade de género. A última fase histórica deu-se por volta dos anos 70, altura em que surgiu o conceito de pai como tendo associado um papel mais activo e presente nos cuidados e educação dos filhos. O ser um pai activo foi definido como “...a componente central da paternidade e como a unidade de medida pela qual se poderia aferir os ‘bons pais’” (Lamb, 1992, p. 21).

Na sociedade portuguesa também ocorreram alterações no conceito do pai, as quais se têm dado lentamente. Acresce que, embora os pais estejam mais presentes, eles continuam pouco activos, sobretudo na área dos cuidados, verificando-se que existe uma alteração nas crenças, mas não nas práticas, já que as mulheres continuam mais presentes na educação dos filhos (Balacho, 2004). Esta alteração nas crenças tem sido bem visível, a nível social, com a implementação de direitos e condições que favorecem a partilha das tarefas entre pais e mães, de forma a promover a presença de ambos na vida dos filhos (Simões, Leal, & Maroco, 2010).

Tem sido sempre mais claro o que se espera da mãe na família, considerando alguns autores que a definição do papel do pai e do que se espera dele em termos de envolvimento está menos definida, do ponto de vista cultural, face ao que é esperado da mãe, não existindo uma norma quanto ao que este envolvimento deve ser (Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008).

Ao longo do tempo tem surgido o mito de que os pais não são tão capazes de cuidar da criança como as mães, crença esta que tem sido reforçada entre gerações, criando no pai a ideia de não ser tão capaz de estabelecer vínculos com a criança como a mãe e de não estar tão preparado como ela para cuidar dos filhos (Deutsch, 2001).

As mães estão mais frequentemente envolvidas nos cuidados, enquanto os pais estão mais envolvidos no brincar com a criança (Roggman, 2004). Não só as interacções mãe-criança e pai-criança são diferentes (Tamis-LeMonda, 2004), como ambas as figuras parentais influenciam de forma diferente o desenvolvimento da personalidade da criança. Verifica-se, por exemplo, que os pais, mais do que as mães, têm um papel importante no desenvolvimento da autonomia das crianças, estimulando-as a arriscar (Roggman, 2004). As mães, por sua vez, têm um papel fundamental em apaziguar e tranquilizar as crianças, verificando-se que, em situações novas e estranhas para a criança, é sobretudo a mãe que está presente e lhe transmite confiança para que se sinta segura (Tamis-LeMonda, 2004). De referir ainda um estudo clássico de Lamb (1977), estudo este longitudinal e que foi desenvolvido com o objectivo de se compreender as diferenças entre a interacção mãe-bebé e pai-bebé no primeiro ano de vida da criança. Observou-se que os bebés não demonstraram preferência por nenhum progenitor, sugerindo que as crianças podem apegar-se a ambos os progenitores precocemente. Contudo, o tipo de vinculação estabelecido não foi semelhante com ambas as figuras parentais, para além de que no primeiro ano de vida as crianças vincularam-se a ambos

os pais, mas no início do segundo ano tenderam a demonstrar preferência pela mãe, sobretudo em situações de angústia (Lamb, 1978). Da literatura parece ressaltar que ambos os pais são capazes de cuidar da criança, o que se verifica é que as mães assumem um papel mais activo nos cuidados, quando os filhos nascem, ganhando assim mais confiança no papel de cuidadoras, em comparação com os pais que se sentem menos confiantes nesse papel (Lamb, 2000).

O papel da mãe tem estado sempre mais associado ao cuidar da criança, ao dar afecto e ao ser responsável pela educação, enquanto o papel do pai tem sido sobretudo o de suporte económico da família, sendo visto como figura de autoridade/disciplina (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006). Contudo, como se referiu antes, estes papéis tradicionais têm vindo a sofrer mudanças nas últimas décadas e a imagem do pai como figura de autoridade e disciplina, e como ausente e distante, tem sofrido alterações, sendo os pais hoje mais afectuosos e envolvidos nos cuidados dos filhos (Cabrera et al., 2000).

Com as transformações ocorridas e as mudanças na estrutura familiar, surgiu um novo ideal de partilha parental, onde os pais têm um papel activo no cuidado dos filhos e no suporte económico (Monteiro et al., 2006). Contudo, e não obstante as mudanças ocorridas, ainda é esperado da mulher que abdique do seu trabalho para cuidar dos filhos, contrariamente ao que se espera do homem, contando-se antes que ele invista na sua carreira (Deutsch, 2001).

Um estudo realizado por Monteiro et al., (2006), permitiu analisar a responsabilidade parental na realização de tarefas relacionadas com a criança. Neste estudo verificou-se que nas actividades lúdicas há uma partilha da responsabilidade, mas nas actividades práticas há uma divisão tradicional. Acresce que nos cuidados directos se observou uma partilha igualitária entre ambos os progenitores, mas nos cuidados indirectos, como organização de tarefas em relação à criança, a divisão de tarefas é diferente, assumindo a mãe um papel mais activo e com maior responsabilidade. Lamb (1992) refere que as mudanças motivacionais no pai e o seu papel mais activo nos cuidados dos filhos têm ocorrido lentamente, devido a estereótipos e à crença que a masculinidade e a paternidade activa são incompatíveis.

Actualmente as mulheres acumulam diversos papéis – de apoio financeiro, “donas de casa”, cuidadoras dos filhos e das tarefas que os implicam -, assumindo o pai um papel mais activo quando é solicitado, uma vez que tradicionalmente se espera que as

mães sejam as primeiras prestadoras de cuidados e os pais uma figura substituta (Monteiro et al., 2006). Apesar das mudanças ocorridas, na sociedade portuguesa ainda há uma tendência para se esperar dos homens um maior investimento profissional e das mulheres um maior investimento na família, continuando as pressões sociais neste sentido a influenciar a família (Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Costa, 2010; Torres, 2004). Não obstante, Portugal é dos países da União Europeia com maior taxa de mulheres a trabalhar (71.8%) enquanto criam os filhos com menos de 5 anos (Viera, Ávila, & Matos, 2012).

Compreensivelmente, quanto maior for o número de horas que os homens trabalham por semana, menor é o seu envolvimento nos cuidados aos filhos, mas quanto maior é o número de horas que as mulheres trabalham por semana maior é o envolvimento paterno (e.g., Bailey, 2001; Bonney et al., 1999; Grossman, Eichler, & Winickoff, 1980; Pimenta et al., 2010). O papel do pai como sustento da família transformou-se, pois, num novo modelo, num pai que é capaz de cuidar dos filhos e é um companheiro e um suporte emocional para a esposa (Grossman et al., 1980; Lamb, 2000).

Em relação à interacção com a criança, e como foi anteriormente referido, os pais encorajam mais os filhos a arriscar, a serem competitivos e independentes (Roggman, 2004), e nas brincadeiras são mais estimulantes e desafiam as crianças a saírem da zona de conforto, enquanto as mães têm brincadeiras mais tranquilas e convencionais (e.g., Cabrera et al., 2000; Tamis-LeMonda, 2004). Apesar das diferenças, ambos são capazes de cuidar da criança, verificando-se, no entanto, que as mães estão mais presentes no dia-a-dia e que os pais tendem a ter um papel mais discreto (Arendell, 1996; Lamb, 1992). De realçar que os homens que têm menos estereótipos em relação ao género, tendem a ser mais activos e responsáveis na educação dos filhos, contrariamente aos homens que assumem um papel mais “masculino” e com crenças mais tradicionais em relação à divisão de tarefas (e.g., Adamsons, O’Brien, & Pasley, 2007; Bonney et al., 1999; Cabrera et al., 2000).

Se as alterações na sociedade e na família conduziram ao conceito de um novo pai, as transformações ocorridas deram também origem ao conceito de uma “nova mulher”, a qual tem que conciliar diferentes papéis e lidar diariamente com uma sobrecarga de tarefas. Ela é responsável por cuidar dos filhos, organizar a casa, trabalhar, idealizando

um companheiro mais presente com quem possa partilhar tarefas e responsabilidades (Balancho, 2004; Monteiro et al., 2006; Torres, 2004).

## **1.2 Envolvimento Paterno**

### **1.2.1 Definição e Conceptualização**

O papel mais activo do pai na família e nos cuidados aos filhos deu-se, como se referiu no ponto anterior, devido a alterações sociais, culturais, sociodemográficas e mesmo políticas, as quais contribuíram para a transformação da família.

Inicialmente a conceptualização de envolvimento paterno focava-se no tempo que o pai passava em interacção com a criança, mas actualmente o enfoque do envolvimento paterno é na compreensão da qualidade da interacção estabelecida (Adamsons, O'Brien, & Pasley, 2007; Featherstone, 2004; Lamb, 2000; Pleck, 2012).

Não obstante existirem diversas conceptualizações de envolvimento paterno, a proposta por Lamb e colaboradores ainda continua a ser muito influente. Especificamente, Lamb et al. (1985) propuseram uma conceptualização do envolvimento paterno que envolve três componentes: compromisso - refere-se a cuidar da criança, brincar, entre outras actividades que impliquem estar com ela, e reflecte-se no tempo despendido em interacção directa com a criança; acessibilidade - implica disponibilidade para estar em interacção com a criança mesmo que esta interacção não seja directa; responsabilidade - envolve saber o que a criança precisa, marcar consultas, comprar roupas, etc., ou seja, criar condições para o bem-estar, segurança e satisfação das necessidades da criança.

De acordo com Palkovitz (2002), o envolvimento paterno pressupõe ser responsável pela criança, perceber o seu mundo, planear o seu futuro, protegendo-a e orientando-a no seu desenvolvimento e crescimento.

Existem vários factores que influenciam o envolvimento paterno: as atitudes da mãe, a qualidade da relação conjugal, características psicológicas do pai (e atitudes face às diferenças de género), características das crianças (e.g., sexo, idade), factores socioeconómicos (e.g., escolaridade, classe social, emprego, rendimento), emprego das mulheres, entre outros (e.g., Arendell, 1996; Bonney et al., 1999; Shannon, Tamis-LeMonda, & Cabrera, 2006). Outros factores têm sido também salientados no âmbito da compreensão do grau de envolvimento paterno, nomeadamente motivação, competência



e autoconfiança, apoio de outros (sobretudo da mãe) e ausência de barreiras institucionais (Pleck, 2012). Face à motivação, Pleck (2012) realça a importância de aspectos como o pai querer ser um bom cuidador e ter uma relação próxima com a criança. Relativamente à competência, muitos homens sentem-se incapazes de cuidar de uma criança e não conseguem dar resposta ao que é exigido na tarefa, o que pode comprometer o papel parental já que é fundamental que se seja sensível e se consiga ler os sinais da criança, com vista a se dar uma resposta adequada (Pleck, 2012). Contudo, como salienta o autor, o comportamento do pai enquanto cuidador está fortemente relacionado com a percepção que a companheira tem dele. No que diz respeito ao apoio, o facultado pela mãe da criança é importante para auxiliar e transmitir confiança nas capacidades do parceiro. Por último, refira-se que, para alguns homens, se torna difícil dedicar mais tempo à criança devido ao investimento no trabalho, para além de que as práticas institucionais, nomeadamente as pressões sentidas no trabalho, têm um papel importante para o homem enquanto pai, influenciando a sua presença e o seu envolvimento. De facto, se o homem passar muito tempo no contexto laboral e não houver flexibilidade por parte da instituição em que trabalha, torna-se difícil estar mais presente na família (Lamb, 1992, 2000; Pleck, 2012; Pleck, Lamb, & Levine, 1986). Como foi referido anteriormente, o papel do pai enquanto sustento económico da família tem sido referenciado ao longo do tempo, mantendo-se ainda este papel, uma vez que os homens continuam a ganhar mais e são a maior fonte de apoio económico dentro da família (Lamb, 2000).

No que diz respeito a variáveis da criança, e em particular sociodemográficas, alguns estudos (e.g., Adamsons et al., 2007; Arendell, 1996; Lamb, 1992, 2000; Pleck, 2012) demonstram que existe uma relação entre o sexo da criança e o envolvimento paterno, tendendo os pais a estarem mais interessados e envolvidos com os rapazes do que com as raparigas, independentemente da idade. No que se refere à idade da criança, segundo Lamb (2000) os pais estão mais à vontade e interessados quando os filhos são mais velhos, sentindo-se mais competentes, contudo, os pais passam mais tempo com os filhos quando estes são mais novos, uma vez que os filhos mais velhos estão mais interessados em interagir com irmãos ou amigos. Estudos de outros autores reforçam que os pais dedicam mais tempo no cuidado aos filhos mais velhos (Bailey, 2001; Pimenta et al., 2010).

A idade dos próprios pais é também influente já que os mais velhos tendem a estar mais envolvidos do que os mais novos (e.g., Adamsons et al., 2007; Arendell, 1996). Contudo, os resultados são contraditórios, referindo, por exemplo, Balancho (2004) que são os pais mais velhos que se envolvem menos, devido a assumirem um papel mais tradicional na família. Outro factor relevante, é o acesso à informação e a sua influência no envolvimento paterno. Por exemplo, pais com habilitações superiores realizam brincadeiras mais estimulantes com os seus filhos (Monteiro et al., 2006).

No que se refere a áreas de influência indirecta do pai, Lamb (2010) destacou algumas áreas como apoio económico (garante recursos para a educação da criança e para o seu bem-estar), modelo de identificação (transmite aos filhos um “bom” modelo quando está presente nas tarefas domésticas), suporte emocional à mãe (faculta apoio emocional, o que aumenta a qualidade da relação mãe-criança e, conseqüentemente, o ajustamento positivo da criança).

As competências das crianças e o seu desenvolvimento são influenciados pelo investimento emocional dos pais e pela ligação estabelecida com estes, e o pai que está acessível poderá transmitir aos filhos segurança e apoio emocional acrescidos (Cabrera et al., 2000; Pleck, 2007). Para as crianças torna-se mais estimulante ter dois progenitores envolvidos do que apenas um, sobretudo na área cognitiva, proporcionando diversidade de estímulos na interacção com pessoas com estilos comportamentais diferentes (Cabrera et al., 2000; Lamb, 1992). Quando os dois progenitores estão presentes e envolvidos há benefícios para a criança a diversos níveis, nomeadamente cognitivo (Lamb, 1992; Lamb & Lewis, 2010), tendo também a criança maior propensão para se envolver e beneficiar da interacção social dentro e fora da família, comparativamente com aquela que se relaciona primordialmente com uma das figuras parentais (Lamb, 1978).

Ainda em relação à influência paterna, tem-se verificado que as características do pai são menos importantes do que a relação que estabelece com os filhos, o seu envolvimento, proximidade e afecto, sendo, pois, cruciais as características do homem enquanto pai e não tanto do homem enquanto modelo de identificação sexual (Lamb, 1992, 2010). Contudo, este conceito de Lamb é controverso, e alguns autores realçam a importância do modelo de identificação sexual para a paternidade (Cabrera et al., 2000; Pleck, 2010).

### **1.2.2 Envolvimento Paterno e Satisfação Conjugal**

O nascimento dos filhos acarreta muitas vezes um decréscimo na satisfação conjugal, sobretudo para as mulheres, uma vez que ficam sujeitas a uma sobrecarga de tarefas, mais ainda quando não têm o apoio dos maridos (Torres, 2004), a qual geralmente se mantém ao longo do crescimento dos filhos.

As diferenças de personalidade e divergências quanto aos cuidados e educação dos filhos geram conflito e stress na família, levando a menos apoio entre o casal parental, o que pode interferir negativamente na relação entre pai e filho (Belsky, Crnic, & Gable, 1995; Cowan, Cohn, Cowan, & Pearson, 1996). Acresce que o conflito no casal potencia os conflitos dos filhos na escola, tendendo estes a demonstrarem dificuldade em gerir a agressividade (Cowan et al., 1996; Gable, Crnic, & Belsky, 1994). Segundo alguns autores, os casais que dividem tarefas e responsabilidades em relação aos filhos tendem a transmitir-lhes um ambiente mais seguro, e facilitador do seu desenvolvimento cognitivo, social e afectivo (Gable et al., 1994).

A harmonia entre os pais parece ser um preditor de uma boa relação pai-filho (Lamb & Lewis, 2010). Existe apoio e confiança no casal quando os pais, implícita ou explicitamente, são concordantes na mensagem que transmitem aos filhos e quando confiam um no outro em termos da responsabilidade pelo cuidado à criança (Gable et al., 1994). Quando o pai vive com a mãe da criança, está mais envolvido no cuidado dos filhos do que quando os progenitores vivem separados (Pleck, 2010). Acresce que, quando existe uma boa relação com a mãe da criança e um ambiente estável em casa, a relação com a criança é mais positiva, observando-se maior envolvimento paterno em contextos familiares em que os pais estão satisfeitos com o seu casamento (Gable et al., 1994; Lamb, 2010; Shannon, Tamis-LeMonda, & Cabrera, 2006). Quando existe uma relação conjugal saudável e harmoniosa, o casal parental está, pois, mais preparado para os desafios da parentalidade, conseguindo conjugar as diferentes tarefas e responsabilidades (Cabrera et al., 2000; Lamb & Lewis, 2010). Adicionalmente, a participação do pai nos cuidados da criança associa-se com a confiança que as mulheres têm nos maridos enquanto pais, acreditando que eles são tão capazes de cuidar dos filhos como elas, o que se reflecte em maior envolvimento paterno e maior satisfação conjugal (Arendell, 1996; Bonney et al., 1999).

Equilibrar a responsabilidade do trabalho e da família é também um desafio para as famílias, e quando o trabalho influencia negativamente a vida em família existe menos satisfação parental e conjugal (Viera, Ávila, & Matos, 2012).

### **1.3 Memórias de Infância Relativas a Práticas Educativas Parentais**

#### **1.3.1 Definição e Conceptualização**

A forma como os pais educam os filhos vai ter consequências no desenvolvimento destes em diferentes áreas, repercutindo-se ainda, mais tarde, no modo como eles vão exercer a sua parentalidade (Canavarro, 1999).

Na literatura surge a referência a dois componentes principais do comportamento parental, os estilos e as práticas parentais, que convém distinguir. Enquanto as práticas parentais se referem a comportamentos dirigidos a objectivos específicos, sendo através deles que os pais exercem a sua acção, os estilos parentais remetem para o clima emocional em que os comportamentos parentais se expressam (Darling & Steinberg, 1993).

Os estilos parentais têm sido conceptualizados de diferentes formas, mas ainda hoje é influente a abordagem de Baumrind (1966, 1971) que distinguiu três tipos de estilos parentais: autoritativo - envolve elevado afecto, flexibilidade e responsividade, tendo os pais em atenção a criança e o que ela precisa, mas com elevado controlo e exigência, regras claras e consistentes, e há a possibilidade de negociação com a criança; autoritário – remete para elevado controlo e avaliação do comportamento dos filhos, com baixo afecto, rigidez e inflexibilidade, impedindo-se a autonomia da criança; permissivo - existe afecto e pouca exigência por parte dos pais, evitando eles exercer sobre a criança controlo e permitindo que elas tomem as decisões.

As práticas educativas parentais têm sido descritas segundo duas dimensões principais: afecto – referindo-se à aceitação, proximidade e responsividade; controlo – referindo-se a um conjunto de comportamentos relativos à disciplina, supervisão e subprotecção (Maccoby & Martin, 1983 cit. por Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2008).

Uma das dimensões em estudo neste trabalho remete precisamente para as práticas parentais, não para aquelas que os pais adoptam no momento actual com a criança, mas para as que eles recordam relativamente aos seus próprios pais, considerando-se,

portanto, as memórias dos adultos sobre as práticas educativas dos pais (mãe/pai) na infância e na adolescência. Esta dimensão é avaliada, no presente estudo, com a escala EMBU- Memórias de Infância (*Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behavior*), desenvolvida por Perris, Jacobson, Lindstrom, Van Knorring, e Perris, em 1980 (citado por Canavarro, 1996). A primeira versão tinha 81 itens, agrupados em 14 dimensões, mas num estudo posterior (ver Arrindell, Emmelkamp, Monsma, & Brilman, 1983) obtiveram-se apenas quatro factores distintos: Rejeição, Suporte Emocional, Sobreprotecção e Preferência em Relação aos Irmãos. Na versão portuguesa da escala retiveram-se os três primeiros factores (Canavarro, 1996). A autora descreve estas dimensões segundo as definições de Rollins e Thomas (1979): suporte emocional - engloba o conjunto de comportamentos dos pais que fazem a criança sentir-se confortável na sua presença, confirmando a ideia de que é apoiada pelos pais, e existindo a expressão verbal e física de afecto e amor; rejeição - refere-se ao conjunto de comportamentos dos pais que tendem a mudar a vontade da criança e são sentidos por esta como uma reprovação do que é enquanto indivíduo, e com desvalorização de si (enquadra comportamento dos pais como privação de objectos ou privilégios, castigos físicos, falta de consideração pelo ponto de vista da criança e pelas suas necessidades); sobreprotecção - traduz-se na protecção excessiva da criança e um elevado grau de intrusividade nas suas actividades.

Os pais, através da experiência de terem sido filhos, trazem para a sua forma de exercer a parentalidade as estratégias desenvolvidas na infância, tendendo a repetir o modelo parental aprendido (Weber, Selig, Bernardi, & Salvador, 2006). Algumas pessoas tendem a quebrar este padrão aprendido e, embora tenham lembranças negativas da infância, vão ser adequadamente responsivas na relação com a criança, constituindo-se como bons cuidadores (Weber et al., 2006).

### **1.3.2 Memórias de Infância Relativas a Práticas Educativas Parentais e Dimensões do Funcionamento Psicológico e Relacional**

Alguns estudos têm procurado perceber a relação entre memórias das experiências ocorridas na infância e diferentes dimensões do funcionamento psicológico e relacional (e.g., Araújo, 2003; Gerlsma, Mosterman, Buwalda, & Emmelkamp, 1992). Um estudo que permitiu perceber a relação entre a perturbação depressiva e as práticas educativas foi realizado por Araújo (2003). Neste estudo verificou-se que as pessoas com

perturbação depressiva percebem de forma mais negativa as atitudes e comportamentos dos pais, na infância e na adolescência, em comparação com as pessoas que não desenvolveram qualquer perturbação. Segundo Araújo (2003), as dimensões suporte emocional e rejeição, por parte da mãe (e não por parte do pai), foram as que diferenciaram melhor as pessoas com perturbação depressiva das pessoas que não tinham qualquer perturbação.

As práticas educativas parentais têm uma grande influência nas pessoas e nas relações estabelecidas, e se as necessidades emocionais dos pais não foram satisfeitas na infância, podem ser transmitidas, resultando em comportamentos de rejeição ou sobreproteção (Canavaro, 1999). Pessoas mais agressivas recordam-se de práticas educativas mais negativas dos progenitores, como a rejeição e sobreproteção, ao contrário de pessoas benevolentes que recordam os pais como responsivos, sensíveis, próximos e têm uma percepção de maior suporte emocional por parte deles (Aluja, Barrio, & García, 2005). Acresce que as pessoas que são mais seguras na vida adulta, têm recordações mais positivas dos pais e das relações que tiveram com estes na infância (Rodrigues et al., 2004).

De referir que a percepção da qualidade da relação estabelecida com os pais na infância se associa ainda com a vinculação romântica na idade adulta (Hazan & Shaver, 1987). Verifica-se que adultos com uma vinculação segura ao companheiro referem ter tido relações carinhosas, aceitantes e respeitadoras com ambos os pais, adultos que têm uma vinculação evitante descrevem a mãe como tendo sido fria e distante, e adultos que identificam uma vinculação ansiosa/ambivalente com o companheiro recordam experiências de injustiça nos cuidados que os pais tiveram para com eles (Hazan & Shaver, 1987). Por fim, mencione-se que a qualidade da vinculação tende a ser transmitida de uma geração para outra (e.g., Brown, 2007), o que reforça a importância da qualidade das primeiras relações e das práticas parentais, dadas as suas potenciais consequências para a parentalidade futura.

#### **1.4 Envolvimento Paterno e Memórias de Infância Relativas a Práticas Educativas Parentais**

A relação do pai com os seus pais na infância contribuirá, como se deduz do ponto anterior, para a qualidade da parentalidade do homem. A transmissão de padrões relacionais entre gerações sugere a importância das experiências que os pais tiveram na

infância e a sua influência nas práticas educativas e atitudes em relação aos seus filhos (van IJzendoorn, 1992). Segundo van IJzendoorn (1992) existe uma continuidade no processo de transmissão intergeracional de parentalidade, sendo este influenciado pelo contexto em que se vive, o qual influencia a continuidade da transmissão de padrões para a geração seguinte. Verifica-se, por exemplo, que homens com uma percepção positiva da relação com os seus pais e que referem aceitação por parte destes, são mais capazes de ter uma relação responsável com os seus filhos, comparativamente com os homens que têm uma percepção negativa da relação com os seus pais (Cowan, Cohn, Cowan, & Pearson, 1996; van IJzendoorn, 1992).

As bases motivacionais do envolvimento paterno estão enraizadas na infância do próprio pai, pelo que a paternidade induz, muitas vezes, a repetição de padrões que foram observados na família de origem (e.g., cuidar, ser afectuoso, gerir conflitos, lidar com a agressividade) e isso tem influência no que se é enquanto pai (Cabrera et al., 2000).

Existe, pois, uma ligação entre os modelos parentais, a vinculação com os seus próprios pais, e o comportamento parental posterior na relação com a criança. Os resultados de alguns autores mostram que os homens com uma vinculação segura são mais empenhados, calorosos e sensíveis com os filhos do que os homens com vinculações inseguras (Cowan et al., 1996), constituindo uma vinculação insegura da parte do pai um eventual marcador de risco na relação pai-filho. Contudo, também existem estudos que demonstram que as memórias de infância negativas podem dar origem a uma maior responsividade na relação com a criança (ver Shannon et al., 2005). A este propósito, salienta-se que homens com memórias negativas da sua infância, na relação com os seus pais, têm filhos com uma vinculação segura (Volling & Belsky, 1992, citado por Shannon et al., 2005). Num outro estudo, verifica-se que os homens que se lembravam de experiências mais negativas com os pais na infância, eram mais sensíveis na interacção com os seus filhos, possivelmente como forma de compensar a falta de aceitação por parte dos pais na infância (Cowan & Cowan, 1990, cit. por Shannon et al., 2005).

As relações primárias significativas podem constituir, assim, um factor de risco ou de protecção para as relações futuras, sendo as relações afectivas posteriores influenciadas pelas práticas educativas das figuras parentais, na infância e adolescência (Canavarro, 1999). As pessoas com uma vinculação segura têm representações mais

positivas da interacção com os seus pais na infância (Rodrigues et al., 2004). Contudo, a qualidade da relação actual com a companheira e as emoções em relação ao ser pai também podem alterar a forma das memórias de infância (Shannon et al., 2005).

Lima, Serôdio e Cruz (2009) realizaram um estudo com vista a compreender o envolvimento paterno, tendo em conta a representação que os pais tinham do seu próprio pai. Os resultados do estudo foram que quanto mais positiva é a representação que se tem do seu próprio pai, mais o pai interage com o seu filho. No estudo em questão, verificou-se que, na linha de outros resultados já referidos, quando os pais participantes tinham representações dos seus próprios pais como apoiantes, adequadamente estimulantes e como partilhando as tarefas domésticas, referiam maior envolvimento e disponibilidade na interacção com os seus filhos; os pais que consideravam que os seus próprios pais aceitavam menos a divisão das tarefas domésticas e interagiam menos com eles enquanto filhos, estavam também menos disponíveis para se envolverem com os seus próprios filhos.

Por fim, refira-se que as lembranças dos pais acerca da sua infância desempenham um papel fundamental em termos de uma outra característica importante para a relação pai-criança, a sensibilidade paterna. Homens que tiveram relações seguras e calorosas com os seus pais são mais sensíveis, atentos e envolvidos com a criança, comparativamente com os pais que recordam ter tido relações pobres na infância (Hofferth, Pleck, & Vesely, 2012; Lamb & Lewis, 2010), podendo significar que através da observação dos comportamentos dos pais se aprende a cuidar dos filhos.

Na sequência da revisão de literatura apresentada, fica patente que o envolvimento paterno está insuficientemente estudado na relação com as memórias que os pais têm das práticas educativas dos seus próprios pais, na infância e na adolescência, tendo ele sido mais estudado na relação com a vinculação, pretendendo-se assim aumentar o conhecimento neste domínio.



## 2. Objectivos e Hipóteses

### 2.1 Objectivos

**Objectivo Geral 1:** Análise do envolvimento paterno e das memórias de infância relativas às práticas educativas parentais num grupo dos pais com crianças com idades entre os 5 e os 10 anos.

*Objectivos específicos:*

- a) Analisar as dimensões em estudo com base em variáveis sociodemográficas da criança – sexo e idade;
- b) Analisar as dimensões em estudo com base em variáveis sociodemográficas relativas ao pai – idade e escolaridade.

**Objectivo Geral 2:** Examinar a relação do envolvimento paterno e das memórias de infância relativas às práticas educativas parentais.

*Objectivo específico:*

- a) Relacionar o Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) com as Memórias de Infância (Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção) relativas quer ao Pai, quer à Mãe.

**Objectivo Geral 3:** Explorar a relação do envolvimento paterno e das memórias de infância relativas às práticas educativas parentais com variáveis relacionais.

*Objectivos específicos:*

Explorar a relação das dimensões em estudo com:

- a) relação com a mãe e com o pai ao longo da vida;
- b) A relação com a companheira;
- c) A proximidade na relação com o filho-alvo<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filho-alvo - esta é uma designação genérica que será utilizada para crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino.

## **2.2 Hipóteses**

*Hipótese 1:* Espera-se que haja variação em pelo menos uma das dimensões em estudo – Envolvimento Paterno e Memórias de Infância relativas às práticas educativas parentais – em função do sexo e/ou idade do filho-alvo.

*Hipótese 2:* Prevê-se que haja variação em pelo menos uma das dimensões em estudo – Envolvimento Paterno e Memórias de Infância relativas às práticas educativas parentais – em função da idade e/ou escolaridade do pai.

*Hipótese 3:* Espera-se que haja uma relação entre o Envolvimento Paterno e as Memórias de Infância.

*Hipótese 4:* Prevê-se que haja uma associação da relação com pelo menos um dos progenitores ao longo da vida com (a) o Envolvimento Paterno e (b) as Memórias de Infância.

*Hipótese 5:* Estima-se que haja uma associação da proximidade na relação com o filho-alvo com (a) o Envolvimento Paterno e (b) as Memórias de Infância.

*Hipótese 6:* Prevê-se que haja uma associação da satisfação na relação com a companheira com (a) o Envolvimento Paterno e com (b) as Memórias de Infância.

## **3. Método**

### **3.1 Participantes**

O presente estudo foi desenvolvido no contexto de uma investigação mais alargada sobre paternidade, da responsabilidade de J. Barrocas, investigação esta que se insere no âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica (Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa), estando ainda em curso.

### 3.1.1 Caracterização Sociodemográfica dos Pais e do Filho-Alvo

Neste estudo participaram 96 indivíduos do sexo masculino, pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos. Apresenta-se em seguida a caracterização sociodemográfica dos participantes. Para a elaboração deste ponto, recorreu-se a informação obtida através de uma Entrevista de Recolha de Dados (ver ponto 3.2.3).

Os participantes do estudo têm uma idade compreendida entre os 25 e 55 anos ( $M = 40.33$ ;  $DP = 5.51$ ). Quanto ao nível de instrução (Quadro 1), sobressai que a maioria dos participantes (57.9%) completou o ensino secundário ou o ensino superior.

#### Quadro 1

*Nível de Instrução dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)*

	Nível de Instrução dos Participantes				
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior
f (%)	5 (5.3%)	15 (15.8%)	20 (21.1%)	31 (32.6%)	24 (25.3%)

Em relação ao grupo étnico dos participantes, dos 94 que responderam, 91 (96.8%) eram caucasianos, dois (2.1%) africanos e um (1.1%) mestiço.

Quase 90% dos homens estavam empregados (85 - 88.5%) e 11.5% encontravam-se em situação de desemprego. Em relação ao tipo de trabalho, ocasional ou regular, dos 85 homens com emprego, 80 tinham trabalho regular e 5 (5.9%) ocasional. No Quadro 2 figuram as frequências e percentagens relativas ao grupo profissional dos participantes. Salienta-se que a maior predominância é do Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas), do Grupo 7 (Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices) e do Grupo 5 (Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança e Vendedores); estes grupos englobam a maioria da amostra (59.4%).

## Quadro 2

### Grupo Profissional dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Grupo Profissional dos Participantes									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	7	20	10	8	16	1	18	6	5
f (%)	(7.7%)	(22%)	(11%)	(8.8%)	(17.6%)	(1.1%)	(19.8%)	(6.6%)	(5.5%)

*Nota.* Categorias de 1 a 9 de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011): 1 - Representantes do poder legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Directores e Gestores Executivos; 2 - Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; 3 Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio; 4 - Pessoal Administrativo; 5 - Trabalhadores dos serviços Pessoais, de Protecção e Segurança e Vendedores; 6 - Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e das Floresta; 7 - Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices; 8 - Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; 9 - Trabalhadores Não Qualificados

Em relação ao estado civil (Quadro 3), verifica-se que a grande maioria dos pais era casada ou vivia em união de facto (91.6%).

## Quadro 3

### Estado Civil dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Estado Civil dos Participantes				
	Solteiros	Casados/União de Facto	Divorciados/Separados	Viúvos
f (%)	3 (3.1%)	88 (91.6%)	4 (4.2%)	1(1.0%)

Relativamente aos filhos-alvo, existe uma predominância de crianças do sexo masculino (54 - 57.4%) em relação ao sexo feminino (40 - 42%), não existindo informação face a duas crianças. Têm idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos, com uma média de 7.85 ( $DP = 1.49$ ). No Quadro 4 observa-se que a maioria das crianças coabita com os pais (90.6%).

## Quadro 4

### Coabitação com o Filho-Alvo – Frequências (f) e Percentagens (%)

Coabitação com o Filho-Alvo				
	Mãe e Pai	Mãe	Pai	Guarda Partilhada
f (%)	87 (90.6%)	5 (5.2%)	2 (2%)	2 (2.1%)

### 3.1.2 Caracterização das Variáveis Relacionais

Neste ponto apresenta-se a caracterização da relação com o filho-alvo, com a companheira e com os pais (mãe/pai). Mais uma vez, a informação decorre de um conjunto de questões (em número de quatro) integradas na Entrevista de Recolha de Dados (ver ponto 3.2.3), tendo cada uma delas associada uma escala de resposta de 5 pontos.

Face ao grau de proximidade na relação com o filho- alvo, salienta-se que a maioria dos pais ( $N = 94$ ) escolheu a categoria MUITÍSSIMO PRÓXIMO (70.4%), seguindo-se Muito Próximo (28.2%) e Razoavelmente Próximo (1.4%); nenhum pai escolheu as categorias Nada Próximo ou Pouco Próximo.

Relativamente à companheira, inquirir-se sobre o grau de satisfação com a relação ( $N = 88$ ), tendo 42 participantes (47.7%) escolhido a categoria MUITÍSSIMO Satisfeito, 39 (44.3%) a categoria Muito Satisfeito e 7 (8%) a que remete para Razoavelmente Satisfeito. Os níveis de resposta Nada Satisfeito e Pouco Satisfeito, não foram escolhidos.

Quanto à relação com a mãe (Quadro 5), a maioria dos participantes (de um total de 96) respondeu que a relação tem sido Muito Boa (55.2%). Nenhum sujeito a refere como Muito Má e apenas dois a identificam como Má.

#### Quadro 5

*Classificação da Relação com a Mãe - Frequências (f) e Percentagens (%)*

	Classificação da Relação com a Mãe				
	Muito Má	Má	Razoável	Boa	Muito Boa
f (%)	-	2 (2.1%)	11 (11.5%)	30 (31.3%)	53 (55.2%)

Face à relação com o pai (Quadro 6), a resposta Muito Boa foi escolhida por menos de metade dos participantes (42.2%), de um total de 95, referindo cerca de 1/3 que ela foi Boa. Sete indivíduos classificaram esta relação como Má (6.3%) ou Muito Má (1.1%).

## Quadro 6

*Classificação da Relação com o Pai - Frequências (f) e Percentagens (%)*

Classificação da Relação com o Pai					
	Muito Má	Má	Razoável	Boa	Muito Boa
f (%)	1 (1.1%)	6 (6.3%)	16 (16.8%)	32 (33.7%)	40 (42.2%)

### 3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo foram a Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b) e o EMBU- Memórias de Infância (Perris, Jacobsson, Lindstorm, Von Knorring & Perris, 1980, citado por Canavarro, 1996; versão validada para a população portuguesa por Canavarro, 1996).

#### 3.2.1 EEP – Escala de Envolvimento Paterno

A Escala de Envolvimento Paterno, desenvolvida por Simões et al. (2010a, 2010b), tem como objectivo compreender a frequência de determinadas situações e comportamentos relacionados com o dia-a-dia da família e avaliar a frequência com que os pais executam tarefas relacionadas com o cuidado e educação das crianças (Simões et al., 2010a).

Esta escala é composta por 20 itens, tendo 19 deles associada uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos; o vigésimo item, que permite comparar a percepção de envolvimento relativamente a diferentes figuras cuidadoras, é respondido em percentagem (0 a 100) e a sua análise não foi incluída no presente estudo. Os itens 1 a 19 avaliam quatro dimensões: Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina. Resultados mais elevados nestas dimensões equivalem a um maior grau de envolvimento paterno (Simões et al., 2010a). Em termos de consistência interna, o alfa de Cronbach tem um valor de .85 para a escala global, .75 para a subescala Cuidados, .85 para a subescala Disponibilidade, .64 para a subescala Presença e .64 para a subescala Disciplina (Simões et al., 2010a).

#### 3.2.2 EMBU – Memórias de Infância

Para avaliar as Memórias de Infância foi utilizado o EMBU - *Egna Minnen av Barndoms Uppfostran* desenvolvido por Perris, Jacobsson, Lindstorm, Von Knorring e

Perris (1980, citado por Canavarro, 1996), cuja validação para a população portuguesa foi realizada por Canavarro (1996). Este questionário permite avaliar as memórias que os adultos têm das práticas educativas ocorridas na infância e na adolescência, em relação ao pai e à mãe, separadamente (Canavarro, 1996).

O EMBU é composto por 23 itens com uma escala de resposta de tipo Likert de 4 pontos, que varia entre “Não, nunca” e “Sim, a maior parte do tempo”. Os 23 itens agrupam-se em três dimensões (Canavarro, 1996; ver também Rollins & Thomas, 1979): Suporte Emocional (comportamentos dos pais perante o filho que o fazem sentir confortável, aceite), Rejeição (comportamentos dos pais de modificação da vontade do filho e que é sentida por este como desvalorização e como pressão) e Sobreprotecção (protecção excessiva e intrusão nas actividades dos filhos).

A estabilidade temporal do instrumento (precisão), avaliada num período de seis semanas, é boa e a apresenta uma consistência interna aceitável (Canavarro, 1999).

### **3.2.3 Entrevista de Recolha de Dados**

Para além dos instrumentos antes referidos, no presente estudo foi ainda integrada informação decorrente de um conjunto de questões que fazem parte de uma Entrevista de Recolha de Dados desenvolvida por Barrocas, Santos e Paixão, em 2012, no âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica (Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa), que, como se mencionou antes, está a ser realizado pelo primeiro autor.

Através da entrevista, foi recolhida informação sociodemográfica dos participantes (e.g., idade, escolaridade, etnia, profissão, situação laboral e estado civil) e da criança-alvo (e.g., idade, sexo e coabitação), cuja caracterização foi apresentada no ponto 3.1.1. No estudo foi ainda incluída informação que, como se mencionou no ponto 3.1.2, decorria de um conjunto de questões que avaliavam conteúdos de tipo relacional. Especificamente, incluiu-se informação de quatro questões que avaliavam a forma como os participantes sentiram a relação com a mãe e com o pai ao longo da vida (duas questões independentes, cada uma delas com uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos: ‘Muito Boa’, ‘Boa’, ‘Razoável’, ‘Má’, ‘Muito Má’), o grau de satisfação com a companheira (questão com uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos: ‘Nada Satisfeito’, ‘Pouco Satisfeito’, ‘Razoavelmente Satisfeito’, ‘Muito Satisfeito’, ‘Muitíssimo Satisfeito’) e o grau de proximidade com o filho-alvo (questão com uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos: ‘Nada Próximo’, ‘Pouco Próximo’,

‘Razoavelmente Próximo’, ‘Muito Próximo’, ‘Muitíssimo Próximo’). A cotação destas questões é feita pela atribuição de um valor de 1 a 5 de tal forma que valores mais elevados indicam um sentido mais positivo da resposta.

### **3.3. Procedimento**

A amostra foi recolhida em escolas públicas do 1º ciclo do Ensino Básico no distrito de Lisboa e por um procedimento de “bola de neve”. Os pais que aceitaram participar no estudo receberam o material da investigação, que lhes foi entregue num envelope fechado (através dos professores ou dos investigadores que colaboravam no estudo). O material entregue incluía, para além dos instrumentos, um documento com informações relevantes e necessárias à participação no estudo (âmbito, finalidade, responsável pela investigação, explicitando-se ainda o carácter voluntário da participação, e garantindo-se o anonimato e confidencialidade das respostas). Todos os participantes preencheram uma declaração de consentimento informado.

Após o preenchimento dos instrumentos, o material foi devolvido num envelope fechado (aos professores ou investigadores) e recolhido em data previamente acordada.

Para esclarecimento de eventuais dúvidas, foi facultado um endereço electrónico que se pedia aos participantes para utilizarem caso necessitassem.

### **3.4. Procedimento Estatístico**

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com o programa SPSS – versão 21 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Utilizou-se estatística descritiva (cálculo de frequências, percentagens, médias, desvio-padrão, valores máximos e mínimos) e inferencial, designadamente o teste t de Student para amostras independentes. Recorreu-se ainda, para a análise da relação linear entre variáveis, aos Coeficientes de correlação de Pearson, de Spearman, e bisserial por pontos.

## **4. Resultados**

Em seguida são apresentados os resultados obtidos neste estudo. Figura primeiro a análise do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância em função de variáveis sociodemográficas do filho-alvo - sexo e idade (ponto 4.1), e de variáveis sociodemográficas do pai – idade e escolaridade (ponto 4.2), apresentando-se depois a



relação entre as duas dimensões (ponto 4.3) e, por fim, a relação de cada uma destas dimensões com variáveis relacionais (ponto 4.4).

#### 4.1 Análise do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância em Função de Variáveis Sociodemográficas do Filho-Alvo (Sexo e Idade)

Os resultados apresentados a seguir referem-se à análise do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância em função de variáveis sociodemográficas do filho-alvo – sexo (Quadro 7) e idade (Quadro 8).

##### Quadro 7

*Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função do Sexo do Filho-Alvo – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p*

	Sexo Feminino		Sexo Masculino		t	p
	M	DP	M	DP		
<b>Envolvimento Paterno</b>						
Cuidados	23.25	3.13	23.65	4.13	-.51	.611
Disponibilidade	26.98	3.80	25.33	5.54	1.70	.092
Presença	11.43	3.70	11.00	3.98	.53	.599
Disciplina	8.78	1.35	9.56	1.53	2.58	.012
<b>Memórias de Infância</b>						
Pai						
Suporte Emocional	18.73	4.80	16.70	5.92	1.82	.072
Rejeição	10.93	3.65	11.62	4.13	-.85	.399
Sobreprotecção	14.38	2.50	14.55	3.54	-.28	.784
Mãe						
Suporte Emocional	20.03	3.47	18.43	5.09	1.81	.074
Rejeição	10.63	2.58	11.50	3.72	-1.28	.205
Sobreprotecção	14.68	2.38	15.19	3.68	-.82	.417

*Nota.* n<sub>feminino</sub> = 40, n<sub>masculino</sub> = 54

No Quadro 7 observa-se que, face ao Envolvimento Paterno, os resultados para os pais dos rapazes e das raparigas são próximos, sendo um pouco mais distante a diferença entre os grupos para a subescala Disciplina, distinguindo-se eles

significativamente nesta subescala (os pais dos rapazes obtêm resultados mais elevados).

Relativamente às Memórias de Infância, os resultados para os dois grupos são também relativamente próximos, mas a distância entre as médias é um pouco maior para o Suporte Emocional, por parte da mãe e do pai, sendo o resultado marginalmente significativo em ambos os casos (os pais das raparigas alcançam resultados médios mais elevados do que os pais dos rapazes nas duas situações). Não obstante a pouca distância entre as médias, as relativas à Rejeição e à Sobreprotecção são superiores para os pais dos rapazes, ao contrário do que acontece com as médias para o Suporte Emocional.

Em relação à idade do filho-alvo, constituíram-se dois grupos: crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos e crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos (Quadro 8).

Os resultados para os pais das crianças mais novas e mais velhas são relativamente próximos, quer para o Envolvimento Paterno, quer para as Memórias de Infância, obtendo-se apenas uma diferença significativa face à Rejeição por parte do pai, alcançando os pais das crianças mais velhas uma média significativamente mais alta. Apesar de não ocorrerem outras diferenças significativas em função da idade da criança, capta-se que as médias para o Suporte Emocional por parte do Pai e da Mãe são mais elevadas no grupo que congrega os pais das crianças com 5-7 anos, sendo mais altas para as outras dimensões no grupo 8-10 anos.

## Quadro 8

*Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função da Idade do Filho-Alvo – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p*

	5 – 7 anos		8 – 10 anos		t	p
	M	DP	M	DP		
<b>Envolvimento Paterno</b>						
Cuidados	23.74	3.56	23.17	3.91	.73	.466
Disponibilidade	25.83	5.28	26.23	4.62	-.39	.700
Presença	10.74	3.90	11.45	3.82	-.90	.372
Disciplina	9.17	1.46	9.23	1.55	-.19	.849
<b>Memórias de Infância</b>						
Pai						
Suporte Emocional	18.34	5.58	17.00	5.42	1.18	.243
Rejeição	10.24	2.96	12.11	4.37	-2.47	.015
Sobreprotecção	14.10	2.86	14.70	3.32	-.92	.359
Mãe						
Suporte Emocional	19.33	4.67	18.94	4.40	.42	.678
Rejeição	10.88	3.13	11.28	3.42	-.59	.556
Sobreprotecção	14.83	3.00	15.02	3.34	-.28	.779

Nota. n<sub>(5-7 anos)</sub> = 41, n<sub>(8-10)</sub> = 53.

### **4.2 Análise do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância em Função de Variáveis Sociodemográficas do Pai (Idade e Escolaridade)**

Neste ponto analisam-se as dimensões em estudo em função de variáveis do pai – idade (Quadro 9) e escolaridade (Quadro 10).

Em relação à idade do pai, constituíram-se dois grupos, considerando os pais com idade igual ou inferior a 40 anos e os pais com idade superior a 40 anos (Quadro 9).

## Quadro 9

*Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função da Idade do Pai – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p*

	Idade Pai ≤ 40 anos		Idade Pai > 40 anos		t	P
	M	DP	M	DP		
<b>Envolvimento Paterno</b>						
Cuidados	23.96	3.24	22.85	4.13	1.46	.148
Disponibilidade	27.15	3.49	24.92	5.77	2.29	.025
Presença	10.85	4.11	11.35	3.58	-.64	.527
Disciplina	9.54	1.56	8.90	1.40	2.14	.035
<b>Memórias de Infância</b>						
Pai						
Suporte Emocional	17.72	6.09	17.54	4.90	0.16	.873
Rejeição	11.49	3.96	11.04	3.88	0.56	.579
Sobreprotecção	15.00	3.51	13.77	2.67	1.92	.058
Mãe						
Suporte Emocional	19.15	5.17	19.13	3.72	0.02	.982
Rejeição	11.33	3.79	10.83	2.68	0.75	.458
Sobreprotecção	15.60	3.71	14.17	2.44	2.24	.028

*Nota.* n Idade do Pai ≤ 40 anos = 47, n Idade do pai > 40 anos = 48

Face ao Envolvimento Paterno, observam-se duas diferenças significativas ao nível dos domínios Disponibilidade e Disciplina, obtendo os pais mais novos resultados mais elevados. Em relação às Memórias de Infância, salientam-se resultados significativos ao nível da subescala Sobreprotecção, quer por parte da Mãe, quer por parte do Pai (mas neste caso o resultado é marginalmente significativo), sendo também os pais mais novos que alcançam resultados médios mais elevados. Em seguida, figuram os resultados relativos ao nível de instrução do pai (Quadro 10), tendo sido constituídos dois grupos: pais com um nível de instrução igual ou inferior ao 3º Ciclo e pais com um nível de instrução superior ao 3º Ciclo.

## Quadro 10

*Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função do Nível de Instrução do Pai – Médias, Desvios Padrões e Valores de t e p*

	≤ 3º Ciclo		>3º Ciclo		T	P
	M	DP	M	DP		
<b>Envolvimento Paterno</b>						
Cuidados	23.70	4.01	23.31	3.47	0.50	.621
Disponibilidade	26.48	5.21	25.65	4.66	0.81	.422
Presença	11.30	4.47	11.04	3.35	0.31	.754
Disciplina	9.18	1.62	9.27	1.47	-.31	.758
<b>Memórias de Infância</b>						
Pai						
Suporte Emocional	17.58	5.92	17.74	5.24	-.14	.886
Rejeição	10.58	2.94	11.76	4.48	-1.55	.126
Sobreprotecção	13.70	2.79	14.93	3.35	- 1.88	.063
Mãe						
Suporte Emocional	18.75	4.80	19.49	4.25	-.79	.429
Rejeição	10.88	2.81	11.22	3.62	-.50	.618
Sobreprotecção	14.33	3.31	15.33	3.11	-1.51	.134

Nota.  $n_{\leq 3^\circ \text{Ciclo}} = 40$ ;  $n_{>3^\circ \text{Ciclo}} = 55$

Na comparação dos grupos verifica-se que as médias são pouco distantes entre si (para o Envolvimento Paterno e para as Memórias de Infância), obtendo-se apenas um resultado marginalmente significativo para a Sobreprotecção por parte do Pai (Memórias de Infância) - o grupo com um nível de instrução de 12 ou mais anos alcança um resultado mais alto. A tendência para médias superiores neste grupo é extensível a todas as variáveis das Memórias de Infância.

### 4.3 Correlação do Envolvimento Paterno com as Memórias de Infância

A seguir apresenta-se a correlação dos domínios do Envolvimento Paterno com as dimensões das Memórias de Infância (Quadro 11).

## Quadro 11

### *Correlação do Envolvimento Paterno com as Memórias de Infância*

	Memórias de Infância					
	Pai			Mãe		
	Suporte Emocional	Rejeição	Sobreprotecção	Suporte Emocional	Rejeição	Sobreprotecção
<b>Envolvimento Paterno</b>						
Cuidados	.01	.03	.05	.03	.07	.07
Disponibilidade	-.03	.07	.14	.08	.03	.14
Presença	.08	.05	.04	.22*	-.11	.04
Disciplina	-.06	.27**	.28**	-.05	.29**	.21*

\*p<.05 \*\*p<.01

As subescalas Rejeição e Sobreprotecção, por parte do pai e da mãe, correlacionam-se significativamente e positivamente com a subescala Disciplina, do Envolvimento Paterno (a correlação com a Sobreprotecção por parte da mãe é de menor magnitude face às outras correlações). O Suporte Emocional, relativo à figura materna, apresenta uma correlação significativa e positiva com a Presença (Envolvimento Paterno).

#### **4.4 Correlação do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância com Variáveis Relacionais**

Do Quadro 12 constam as correlações do Envolvimento Paterno e da Memórias de Infância com a informação relativa a variáveis relacionais, decorrente da entrevista de recolha de dados (ver ponto 3.2.3) – relação com a mãe e com o pai ao longo da vida, satisfação na relação com a companheira e proximidade na relação com a criança.

No Quadro 12 é possível observar que existem correlações significativas, positivas e de elevada magnitude, da subescala Suporte Emocional (por parte da mãe e do pai) com a percepção da relação com cada uma das figuras parentais e com a satisfação na relação com a companheira. São igualmente significativas, mas negativas, as correlações da Rejeição com as mesmas variáveis, excepção feita para a relação da Rejeição por parte da Mãe que não se relaciona com a Satisfação com a companheira, sendo também apenas marginalmente significativa a correlação da Rejeição por parte do

Pai com a Relação com a Mãe. A Sobreprotecção não se correlaciona com as variáveis relacionais, observando-se somente uma correlação marginalmente significativa (positiva) da Sobreprotecção por parte do Pai com a Relação com este. Nenhuma subescala das Memórias de Infância se correlaciona com a percepção sobre a Proximidade com a criança.

## Quadro 12

*Correlação do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância com Variáveis Relacionais*

	Relação com a Mãe	Relação com o Pai	Relação com a Companheira (Satisfação)	Relação com o Filho-Alvo (Proximidade)
<b>Envolvimento Paterno</b>				
Cuidados	.02	.07	.32**	.28*
Disponibilidade	-.02	-.21*	-.02	.21
Presença	.30**	.12	.14	.16
Disciplina	-.19†	-.16	.10	.01
<b>Memórias de Infância</b>				
Pai				
Suporte Emocional	.37***	.68***	.47***	.13
Rejeição	-.19†	-.40***	-.23*	.03
Sobreprotecção	.05	.19††	.11	.09
Mãe				
Suporte Emocional	.47***	.44***	.35**	.08
Rejeição	-.35**	-.33**	-.17	-.01
Sobreprotecção	.05	-.09	.10	.07

\*p<.05 \*\*p < .01 \*\*\*p<.001 † p=.064 † † p=.068

Face ao Envolvimento Paterno, salienta-se que a subescala Cuidados se correlaciona positivamente com a Satisfação na relação com a companheira e com a Proximidade na relação com o filho-alvo, sendo também significativas as correlações da

Disponibilidade com a Relação com o Pai (negativa), e da Relação com a Mãe quer com a Presença (positiva), quer com a Disciplina (negativa), mas esta última é marginalmente significativa. Em geral, as correlações com o Envolvimento Paterno são de menor magnitude (face às correlações com as Memórias de Infância).

## **5. Discussão**

Apresenta-se em seguida a discussão dos resultados obtidos, seguindo a ordem em que eles foram expostos no ponto anterior, e tendo em conta os objectivos e hipóteses estabelecidos no ponto 2.

### **5.1 Envolvimento Paterno e Memórias de Infância em Função de Variáveis Sociodemográficas (da Criança e do Pai)**

Neste ponto discutem-se os resultados relativos ao envolvimento paterno e às memórias de infância em função de variáveis sociodemográficas do filho-alvo – sexo e idade (Objectivo 1a), e do pai – idade e escolaridade (Objectivo 1b). Começando pelas variáveis da criança, a análise em função do sexo sugere que os pais que têm filhos do sexo masculino estão mais envolvidos na disciplina. O resultado obtido é concordante com os de estudos anteriores que avaliam o envolvimento paterno com outros instrumentos e em que se salienta que os pais estão mais envolvidos com os filhos rapazes (e.g., Adamsons et al., 2007; Bailey, 2001; Lima et al., 2009), ainda que no presente estudo tal se tenha verificado apenas face ao domínio Disciplina. O resultado poderá enquadrar-se no referido por Lima, Serôdio e Cruz (2011), os quais realçam que os pais desempenham um papel relevante na disciplina, sobretudo quando têm filhos do sexo masculino.

No que diz respeito às memórias de infância, salientou-se que os pais das raparigas tendem a perceber mais práticas de Suporte Emocional por parte dos seus próprios pais (pai e mãe). Apesar de não se ter encontrado literatura empírica neste âmbito, é possível que as características habitualmente associadas às meninas, e ao feminino em geral, suscitem em alguns pais recordações de práticas parentais que se pautam por apoio, cuidado e afecto, sendo até provável que estas sejam práticas preferenciais na relação actual com as filhas (pelo menos no caso de alguns pais). É ainda viável que, na amostra estudada, haja um certo número de pais de raparigas cujas figuras parentais



tenham, de facto, recorrido mais ao de tipo práticas que está subjacente à dimensão Suporte Emocional.

No que se refere à idade do filho-alvo, os pais das crianças mais velhas (8-10 anos) diferenciaram-se significativamente dos pais das crianças mais novas (5-7 anos) na Rejeição por parte do pai, o que aponta para uma percepção mais negativa das práticas utilizadas pelo seu próprio pai, percepcionando um maior recurso a práticas que se pautam por reprovação e desvalorização. Mais uma vez, não se acedeu a literatura que permita enquadrar o resultado, mas poderá colocar-se a hipótese que os pais das crianças mais velhas serão também os pais mais velhos e que, por uma questão geracional e cultural, a educação recebida por parte de pai tenha subjacente, nestes casos, práticas menos apoiantes.

Com os resultados obtidos, confirma-se a Hipótese 1 que previa a ocorrência de variação em pelo menos uma das dimensões do estudo em função do sexo ou da idade da criança.

Passando agora às variáveis sociodemográficas do pai (idade e escolaridade), verificou-se que os pais mais novos ( $\leq 40$  anos), comparativamente com os pais mais velhos ( $> 40$  anos), estão mais envolvidos na disciplina (Disciplina) e mais disponíveis para a criança (Disponibilidade). Estes resultados são concordantes com os do estudo de Balancho (2004), do qual decorre que os pais mais velhos tendem a envolver-se menos nos cuidados e educação dos filhos, o que pode estar relacionado, como se referiu acima, com um aspecto geracional, já que os pais mais velhos assumem geralmente um papel de género mais tradicional.

Sobressai ainda que os pais mais novos, comparativamente com os mais velhos, alcançam resultados mais elevados na dimensão Sobreprotecção, da parte da mãe e do pai (mas neste último caso a diferença é marginalmente significativa), denotando que perspectivam as práticas educativas dos seus próprios pais, e em particular as da mãe, como pautando-se por protecção excessiva e intrusividade. Pereira et al. (2009) referem que o padrão de parentalidade adoptado por mães e pais portugueses apresenta níveis elevados de controlo e que esse controlo tende a ser mais alto na idade escolar. É possível que os progenitores dos pais mais novos exercessem não só este controlo elevado, como ele fosse de cariz negativo dada a excessiva intrusividade e protecção. Estes pais mais novos (relembre-se que o limite etário inferior dos pais da amostra é 25 anos) fazem parte, por hipótese, de uma geração cujos pais já terão vivido alguma

ambivalência, e até culpabilidade, pela necessidade de conjugar vida profissional e laboral, sobretudo no caso das mães, o que poderá contribuir para uma necessidade de compensar a ausência através de sobreprotecção. É também possível que tal tenha tradução na relação estabelecida na actualidade com os filhos.

De referir ainda que os pais com um nível de instrução superior ao 3º Ciclo tendem a perceber níveis mais elevados de Sobreprotecção por parte do pai. Assim, parece que, não obstante os resultados serem apenas tendenciais, os pais mais novos e com 12 ou mais anos de escolaridade são aqueles que têm a percepção de terem recebido uma educação pautada por protecção excessiva por parte do pai. Para além do já antes referido, há a acrescentar agora que os pais estão geralmente mais envolvidos na educação dos filhos do sexo masculino (Adamsons et al., 2007), captando-se neste estudo que tal se poderá traduzir em práticas menos positivas, pelo menos na forma como são recordadas por alguns pais. Acresce que o facto de o progenitor ser mais diferenciado do ponto de vista da instrução poderá levar a um maior controlo e exigência para com os filhos, designadamente rapazes (Lima et al., 2011), o que poderá ter tradução na relação actual com a criança.

Os resultados confirmam a Hipótese 2, onde se previa uma variação em pelo menos uma das dimensões em estudo em função de uma das variáveis sociodemográficas paternas – idade/escolaridade.

## **5.2 Relação entre o Envolvimento Paterno e as Memórias de Infância**

Da análise da relação entre o envolvimento paterno e as memórias de infância (Objectivo 2), destacou-se que estar mais envolvido na disciplina dos filhos se associa com a percepção de mais práticas de rejeição e de sobreprotecção por parte dos progenitores, portanto, independentemente de este tipo de práticas partir da mãe ou do pai. A disciplina aplicada num ambiente familiar estável e afectuoso é algo que permite à criança interiorizar regras e compreender limites, contudo, aplicada num ambiente familiar pobre de afectos e onde exista maior rigidez na aplicação de regras, de limites e castigos (podendo estes serem até severos), é susceptível de conduzir a restrição da autonomia, e a sentimentos de intrusividade e de rejeição. É possível que os pais mais exigentes em termos de disciplina reproduzam práticas negativas experimentadas na relação com os seus próprios pais, sabendo-se que a rejeição e o controlo negativo são

caracterizados por níveis elevados de hostilidade, castigo, restrição e comportamentos de maior intrusão (Pereira et al., 2009).

Sobressaiu ainda que os pais mais presentes na vida dos filhos (envolvimento paterno) referem níveis mais elevados de Suporte Emocional por parte da mãe. Na literatura realça-se que os pais que perceberam relações próximas com os seus progenitores, tendem a transmitir o mesmo padrão na educação com os filhos (Aluja, Barrio, & García, 2005; Canavaro, 1999; Shannon et al., 2005), sendo possível que tal esteja subjacente ao resultado obtido. É compreensível que aquele tipo de associação tenha sido encontrada apenas para a relação com a mãe, uma vez que as mães continuam a ter a seu cargo, na maioria dos casos, os cuidados à criança, para além de estarem também presentes na maior parte das actividades relacionadas com ela (Monteiro et al., 2006; Pimenta et al., 2010; Torres, 2004). O conjunto dos resultados obtidos confirma a Hipótese 3, onde se esperava encontrar uma relação entre o envolvimento paterno e as memórias de infância.

### **5.3 Relação do Envolvimento Paterno e das Memórias de Infância com Variáveis Relacionais**

Neste ponto aborda-se a associação entre o envolvimento paterno e as memórias de infâncias com as variáveis relacionais analisadas, especificamente a relação com a mãe e o pai, a satisfação na relação com a companheira e a proximidade na relação com a criança (Objectivo 3). Os pais mais envolvidos nos cuidados referem maior satisfação na relação com a companheira e maior proximidade na relação com o filho-alvo. Estes resultados vão ao encontro dos resultados de estudos anteriores, quer no que se refere à relação com a companheira (Bonney et al., 1999; Gable, Crnic, & Belsky, 1994) quer face à relação com a criança (Lima et al., 2009; Shannon et al., 2005). Verificou-se ainda que os pais que referem ter tido uma pior relação com o pai ao longo da vida estão mais disponíveis para a criança e que quanto melhor é a relação com a sua própria mãe mais frequente é a presença dos pais no dia-a-dia da criança, existindo uma tendência para estarem também menos envolvidos na disciplina. É possível que o resultado relativo à relação com o pai traduza uma intenção de não repetir, na relação actual com os filhos, um padrão negativo experimentado na relação com o seu próprio pai. Tal é ainda mais pertinente uma vez que se tem verificado que uma boa relação com o pai é um bom preditor da relação com os filhos (Shannon et al., 2005). Face ao resultado que

remete para a relação com a mãe, é possível colocar a hipótese que uma boa relação com a mãe tenha consequências também positivas para a relação com os filhos (designadamente em termos de presença), e é também viável considerar que os pais sejam até um pouco permissivos na relação com a criança em termos de disciplina (deixando, eventualmente, para as mães a assunção de uma maior preponderância neste papel). Futuramente seria interessante explorar se esta tendência não ocorrerá sobretudo com os pais das raparigas. De referir ainda que uma boa relação com a mãe deixa antever o ter-se sentido segurança na relação e disponibilidade por parte do cuidador, o ter-se sido cuidado e aceite, constatando-se na literatura que os pais que tiveram uma vinculação segura transmitem o mesmo padrão aos filhos (Araújo, 2003). Apesar da vinculação não ter sido uma dimensão avaliada, é provável que tal também se aplique a pais da amostra estudada. Em termos gerais, os resultados obtidos para o envolvimento dos pais enquadram-se na literatura que salienta a importância da relação com os próprios pais para a relação que se estabelece com a criança (e.g., Araújo, 2003; Canavarro, 1999; Rodrigues et al., 2004).

Os resultados obtidos confirmam as Hipóteses 4a, 5a e 6a que previam uma associação do envolvimento paterno com a relação com pelo menos um dos progenitores, com a satisfação com a companheira e com a proximidade com a criança, respectivamente.

No que se refere às memórias de infância, captou-se que a percepção de mais práticas de suporte emocional por parte do pai e da mãe se associa com a percepção de uma relação mais positiva com os pais (mãe/pai) ao longo da vida e com a maior satisfação com a companheira. O resultado face à relação com as figuras parentais é concordante com os do estudo de Rodrigues et al. (2004) e de Canavarro (1999), os quais verificaram que o suporte emocional prestado pelas figuras parentais durante a infância e adolescência tem influência nas relações posteriores. Destes estudos (Canavarro, 1999; Rodrigues et al., 2004), salienta-se ainda que os indivíduos que com um estilo de vinculação seguro são os que têm representações mais positivas da interação com os pais na infância. Por sua vez, os resultados relativos à satisfação com a companheira são concordantes com os do estudo de Aluja, Barrio e García (2006), os quais verificaram que os indivíduos que perceberam mais suporte emocional por parte dos pais indicavam níveis mais altos de satisfação conjugal.

Verificou-se ainda que os pais que percebem maior rejeição por parte da mãe e do pai na infância identificam uma relação menos positiva com os progenitores ao longo da vida (contudo, o resultado face à relação com a mãe é apenas tendencial). Estes resultados sugerem, pois, que a qualidade da relação com os pais na infância (no caso as práticas de rejeição, provavelmente das mais perniciosas) tem consequências para a forma como se sente e avalia a qualidade dessa relação mais tarde (Canavarro, 1999; Rodrigues et al., 2004; Shannon et al., 2005).

Sobressai igualmente que a maior satisfação na relação com a companheira se associa com a percepção de menor rejeição por parte do pai. Apesar da escassez de literatura dirigida especificamente para o pai, o resultado é concordante com o obtido por Aluja et al. (2006) em cujo estudo se realça que a relação conjugal se associa negativamente com a rejeição parental. Pode colocar-se a hipótese que o resultado obtido tenha subjacente que não só os pais são um modelo para os filhos (e.g., Cabrera et al., 2000; Lamb, 1992; Pleck, 2010), como terão um contributo na transmissão de um modelo de casal, pelo que pode dar-se o caso de, a par de ter havido uma relação próxima com o pai, houvesse também uma relação de casal satisfatória (com um contributo positivo do pai para esta relação) o que teria consequências para a relação estabelecida com a companheira na actualidade.

Por último, observou-se uma tendência para que a melhor relação com o pai se associe com a percepção de maior sobreprotecção por parte deste (o que não se verifica no caso da mãe). Não obstante o resultado ser apenas tendencial, poderá colocar-se a hipótese que, para alguns pais, a protecção excessiva por parte do pai tenha sido sentida de uma forma positiva (por exemplo, como interesse, cuidado e auxílio) com tradução no modo mais favorável como se percebe a relação com o pai (a protecção excessiva por parte da mãe poderia ser sentida mais negativamente, sobretudo no caso do rapaz).

Os resultados obtidos para as memórias de infância, permitem confirmar as Hipóteses 4b e 6b, que previam, respectivamente, uma associação destas memórias com a relação com os pais e com a satisfação na relação com a companheira, mas não confirmam a Hipótese 5b que estimava que ocorreria também uma relação com a percepção de proximidade na relação com a criança, a qual não foi encontrada.

## 6. Conclusão

Neste ponto, dá-se saliência às conclusões do presente estudo, tendo em conta os objectivos estabelecidos. Faz-se ainda referência às limitações do estudo e a investigação futura.

Este estudo foca o envolvimento paterno e as memórias de infância em pais com filhos de idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos. Os resultados obtidos mostram que, tal como era esperado, há variações nas duas dimensões em função de variáveis sociodemográficas do filho-alvo e do pai (Objectivo 1). Sobressai, em particular, que os pais que têm filhos do sexo masculino estão mais envolvidos na disciplina, acontecendo o mesmo com os pais mais novos, os quais estão também mais disponíveis para a criança. No que diz respeito às memórias de infância, observou-se uma tendência para os pais com filhas referirem maior suporte emocional por parte dos seus progenitores (mãe/pai) e para os pais com filhos mais velhos percepcionarem maior rejeição por parte do seu próprio pai. Acresce que os pais mais novos identificaram ainda níveis mais elevados de sobreprotecção por parte da mãe e do pai (neste último caso o resultado é marginalmente significativo), existindo igualmente uma tendência para os pais com um nível de instrução mais alto (ensino secundário e ensino superior) referirem níveis mais elevados de sobreprotecção por parte do pai.

O envolvimento paterno relacionou-se com as memórias de infância (Objectivo 2), de tal forma que o maior envolvimento do pai na disciplina se associou com a percepção de mais práticas de rejeição e de sobreprotecção por parte do pai e da mãe na infância e adolescência. Acresce que, a maior presença do pai no dia-a-dia da criança, se associou com a percepção de mais suporte emocional por parte da mãe.

Face à relação do envolvimento paterno e das memórias de infância com variáveis relacionais referentes à relação com os pais, com a companheira e com a criança (Objectivo 3), obtiveram-se diversos resultados significativos. No que diz respeito à relação com o envolvimento paterno, destacou-se que: o maior envolvimento nos cuidados associa-se com uma maior satisfação na relação com a companheira e com uma maior proximidade na relação com o filho-alvo; a percepção de melhor relação com a mãe associa-se com a maior presença do pai na vida da criança e com o seu maior envolvimento na disciplina (resultado marginalmente significativo); a percepção de pior relação com o seu próprio pai associa-se com a maior disponibilidade para a criança.

No que diz respeito às memórias de infância, os pais que referiram uma melhor relação com os seus pais (mãe/pai) identificaram mais práticas de suporte emocional e menos de rejeição por parte das figuras parentais, associando-se ainda a melhor relação com a companheira com mais práticas de suporte emocional por parte de ambos os progenitores e com menos rejeição por parte do pai. Observou-se igualmente uma tendência para que os pais com uma melhor relação com o seu próprio pai, refiram níveis mais elevados de sobreprotecção por parte deste.

Das seis hipóteses colocadas, confirmaram-se todas com excepção de uma que foi confirmada apenas em parte (Hipótese 5 – confirmou-se a 5a, mas não a 5b).

Relativamente às limitações do estudo, refira-se que, numa percentagem importante de casos, não houve um contacto directo com os participantes, o que poderá ter interferido nos resultados. Contudo, foi facultado um endereço electrónico a que os participantes poderiam recorrer para esclarecimento de eventuais dúvidas. Outro aspecto a ter em consideração diz respeito ao EMBU, instrumento que remete para uma avaliação retrospectiva das memórias de infância e adolescência dos participantes, o que poderá interferir com o “rigor” do que é recordado, para além de que esta avaliação poderá ser afectada pelas relações que se mantêm na actualidade com as figuras parentais. Acresce que as variáveis relacionais foram avaliadas com questões no contexto de uma entrevista e não com instrumentos específicos.

Apesar das limitações referidas, este trabalho conduziu a resultados que contribuem para aumentar o conhecimento relativo ao envolvimento paterno e às memórias de infância, e em particular à sua relação, face à qual existem poucos estudos.

Futuramente seria pertinente aprofundar o estudo do envolvimento paterno e das memórias de infância na transição para a parentalidade e em diferentes fases do desenvolvimento da criança (e.g., adolescência), e do desenvolvimento do adulto (pai). Seria também pertinente estudar as duas dimensões analisadas, atendendo a diversidade cultural e étnica no sentido de averiguar se esta diversidade introduziria diferenças face aos resultados agora obtidos.

Uma vez que os resultados do presente estudo apontam para uma relação entre memórias de infância e envolvimento paterno, seria pertinente promover acções (por exemplo, no contexto escolar) que incentivassem o debate sobre a importância da presença dos homens na educação dos filhos e em que se poderia incentivar também a partilha de experiências (e.g., educativas e relacionais), por exemplo, em grupos de

discussão, com vista a se desenvolverem acções preventivas que tivessem como objectivos, por um lado, a promoção de práticas educativas positivas e, por outro lado, a identificação de eventuais situações de risco para a parentalidade.



## 7. Referências

- Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering, 5*(2), 129-147. doi: 10.3149/fth.0502.129.
- Aluja, A., Del Barrio, V., & García, L.F. (2005). Relationships between adolescents' memory of parental rearing styles, social values and socialization behavior traits. *Personality and Individual Differences, 39*, 903-912. doi: 10.1016/j.paid.2005.02.028.
- Aluja, A., Del Barrio, V., & García, L.F. (2006). Personality, social values, and marital satisfaction as predictors of parents' rearing styles. *International Journal of Clinical Health & Psychology, 7*(3), 725-737.
- Araújo, A. (2003). Percepção dos estilos parentais e ajustamento psicológico do adulto. Comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas. *Paidéia, 12*(24), 215-227. 10.1590/S0103-863X2002000300010.
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: Review of the literature. *National Center on Fathers and Families, 1*-57.
- Arrindell, W., Emmelkamp, P., Brilman, E., & Monsma, A. (1983) Psychometric evaluation of an inventory for assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinavica, 67*, 163-177.
- Bailey, W. (2010). A longitudinal study of fathers' involvement with young children: Infancy to age 5 years. *The Journal of Genetic Psychology, 155*(3),331-339. doi:10.1080/00221325.1994.9914783.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica, 22*(2), 377-386.

Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: Spousal differences and daily hassles. *Child Development, 66*(3), 629–642. doi: 10.1111/1467-8624.ep9506152714.

Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of fathers' behavioral involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology, 13*(3), 401-415.

Brown, L. (2007). Introducing “The Essence of Parenting”: A parenting program drawing on attachment theory. *Journal of Education Research, 8*(1), 61-73.

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development, 37*, 887-907.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*(1), 1-103.

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*(1), 127-136.

Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através da EMBU: Estudos Psicométricos. *Psychologica, 16*, 5-18.

Canavarro, M.C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra. Editora Quarteto.

Coimbra de Matos, A. (2007). *Vária. Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi.

Cowan, P. A., Cohn, D. A., Cowan, C. P., & Pearson, J. (1996). Parents' attachment histories and children's externalizing and internalizing behaviors: Exploring family models of linkage. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*(1), 53–63. doi:10.1037/0022-006X.64.1.53.

- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, *113*, 487-496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, *10*(1), 25-28. doi: 10.1111/1467-8721.00107.
- Featherstone, B. (2004). Fathers matter: A research review. *Children & Society*, *18*, 312-319. doi: 10.1002/CHI.842.
- Gable, S., Crnic, K., & Belsky, J. (1994). Coparenting within the family system: Influences in children's development. *Family Relations*, *43*, 380-386.
- Gerlsma, C., Mosterman, I., Buwalda, S., & Emmelkamp, M. (1992). Mood and memories of parental rearing styles: A comparison of mood effects on questionnaire-cued and free recall of autobiographical memories. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *14*(4), 343-361. doi:10.1007/BF00960779.
- Grossman, F. K., Eichler, L. S., & Winickoff, S. A. (1980). *Pregnancy, birth and parenthood*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(3), 511-524.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação portuguesa das profissões 2010* (versão 2011). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Kerns, K., Aspelmeier, J., Gentzler, A., & Grabill, C. (2001). Parent-child attachment and monitoring in middle childhood. *Journal of Family Psychology*, *15*(1), 69-81. doi: 10.1037//0893-3200.15.1.69
- Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interactions in the first year of life. *Child Development*, *48*, 167-181.

Lamb, M. E. (1978). Qualitative aspects of mother- and father-infant attachments. *Infant Behavior and Development, 1*, 265-275. doi: 10.1016/S0163-6383(78)80038-1.

Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.

Lamb, M. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica, 10* (1), 19-34.

Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review, 29*(2-3), 23-42. doi: 10.1300/J002v29n02\_03.

Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 94-153). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

Lima, A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2009). O envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos: Uma abordagem intergeracional. *Psicologia, 23*(2), 103-114.

Lima, A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no cotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica, 29*(4), 567-578.

Marks, L., & Palkovitz, R. (2004). American fatherhood types: The good, the bad, and the uninterested. *Fathering, 2*(2), 113-129.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica, 42*, 213-229.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409.

Palkovitz, R. (1996). Parenting as a generator of adult development: Conceptual issues and implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 571-592.

Palkovitz, R. (2002). *Involved fathering and men's adult development: Provisional balances*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates.

Pereira, A. F., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18(4), 454-465. doi: 10.1007/s10826-008-9249-3.

Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 18(4), 565-580.

Pleck, J. H. (2007). Why could father involvement benefit children? Theoretical perspectives. *Applied Development Science*, 11(4), 196-202. doi: 10.1080/10888690701762068.

Pleck, J. H. (2010). Fatherhood and masculinity. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 27-57). New Jersey: John Wiley & Sons.

Pleck, J. H. (2012). Integrating father involvement in parenting research. *Parenting: Science and Practice*, 12(2-3), 243-253. doi:10.1080/15295192.2012.683365.

Pleck, J. H., Lamb, M. E., & Levine, J. A. (1986). Epilog: Facilitating future change in men's family roles. In R. A. Lewis & M. Sussman (Eds.), *Men's changing roles in the family* (pp. 11-16). New York: Haworth.

Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, XXII(4), 643-665.

Roggman, L. A. (2004). Do fathers just want to have fun? Commentary on theorizing father child relationships. *Human Development*, 47, 228-236. doi:10.1159/000078725.

Rollins, B.C., & Thomas, D.L. (1979). Parental support, power, and control techniques in the socialization of children. In W. R. Burr, R. Hill, F. I. Nye & I. L. Reiss (Eds). *Contemporary Theories about the Family* (pp. 317-364). New York: Free Press.

Shannon, J. D., Tamis-LeMonda, C. S., & Margolin, A. (2005). Father involvement in infancy: Influences of past and current relationships. *Infancy*, 8(1), 21 – 41. doi: 10.1207/s15327078in0801\_2.

Shannon, J. D., Tamis-LeMonda, C. S., & Cabrera, N. (2006). Fathering in infancy: Mutuality and stability between 6 and 14 months. *Parenting*, 6, 167–188. doi: 10.1207/s15327922par0602&3\_3

Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010a). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11, 339-356.

Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010b). *Escala de envolvimento paterno: Um estudo de validação de um instrumento*. Lisboa: Placebo Editora.

Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing fathers' roles: Playmates and more. *Human Development*, 47, 220-227. doi:10.1159/000078724.

Torres, A. (2004). *A vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.

van IJzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies in nonclinical populations. *Developmental Review*, 12, 76- 99. doi: 10.1016/0273-2297(92)90004-L.

Vieira, J., Ávila, M., & Matos, P. (2012). Attachment and parenting: The mediating role of work- family balance in Portuguese parents of preschool children. *Family Relations*, 61, 31-50. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x.

Weber, L. N., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações - transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16(35), 407-414. doi: 10.1590/S0103-863X2006000300011.